

# Pacote é destaque em jornais dos EUA

**Nova Iorque** - O pacote do governo Fernando Henrique Cardoso para enfrentar a crise no Brasil foi o principal destaque na primeira página de dois dos principais diários dos EUA, o "New York Times" e o "Los Angeles Times", e mereceu análises ainda no "Wall Street Journal" e nos cadernos econômicos do "Washington Post", "Miami Herald" e outros.

A reportagem na capa do "Times" de Nova Iorque, que também ocupa quase meia página no caderno de Economia, foi enviada de Brasília pela correspondente Diana Jean Schemo. Mas uma dura crítica ao pacote feita por Michael M. Weinstein na coluna "Economic Scene" afirmou que nem o plano anunciado e nem a ajuda do FMI resolverão a crise financeira do País.

## Cautela

"A resposta de Washington às medidas do Brasil foi de felicitações mas também de cautela, refletindo a preocupação de que o programa poderá tropeçar ao chegar ao Congresso brasileiro", diz o texto de Schemo. A correspondente observou ainda que os investidores reagiram com prudência, achando que o pacote pode não ter ido suficiente longe.

Também o jornal de Los Angeles e outros falaram da cautela dos investidores ante o plano. E depois de se refletir aos bilhões do contribuinte americano a serem incluídos no pacote do Fundo Monetário Internacional para salvar o Brasil da crise, Weinstein afirmou que isso será para sustentar "o com-

promisso brasileiro com uma taxa de câmbio atrelada ao dólar".

Para o colunista, o secretário adjunto do Tesouro Lawrence H. Summers e o diretor adjunto do FMI Stanley Fischer, "padrinhos econômicos da ajuda ao Brasil", argumentarão que o plano "vai evitar a desvalorização e proteger a América Latina da perturbação financeira que devastou a Rússia e partes da Ásia, mas é quase certo que o otimismo dos dois terá vida curta".

O "Journal", uma espécie de Bíblia da Wall Street, disse no título: "O Brasil anuncia plano de US\$ 23,5 bilhões para 1999 na esperança de evitar uma desvalorização da moeda". O texto, enviado de São Paulo por Peter Fritsch, considerou o pacote um pequeno passo e observou que o Governo avançou algumas plegadas na muralha de credibilidade a escalar.

São citados economistas que estimam estar o real sobrevalorizado em 10% a 20%, motivo pelo qual o sistema de bandas, cujo ajuste chegou a 7,5% ao ano, pode revelar-se insuficiente. Na coluna de Weinstein, a sobrevalorização é estimada em "pelo menos 15%, talvez 40%, alta demais". E ele citou o economista Morris Goldstein para condenar a insistência nesse sentido.

## Alternativas

"Isso torna as exportações dispendiosas e as importações baratas, o que encoraja o dólar a continuar fugindo. Em segundo lugar, o Brasil - em parte por causa de seu déficit orçamentário

acumulou enormes dívidas externas a curto prazo (...) Em terceiro, o real é conversível, com o que sempre que quiserem os investidores podem forçar o governo a trocá-lo por dólares".

Weinstein disse ainda que a combinação de moeda sobrevalorizada, dívida elevada e conversibilidade cria ambiente financeiro no qual a calamidade fica sempre a um passo da crise de confiança. E até agora os formuladores da política parecem paralisados pela perspectiva da desvalorização, temendo os antecedentes da Ásia no ano passado e da Rússia em 1998.

## Crítica

Em dura crítica ao projeto do FMI e Departamento do Tesouro para salvar o Brasil e criar fundo de reserva de bilhões de dólares destinado a acalmar investidores, Weinstein citou o argumento contrário sobre a enorme dívida de curto prazo, "dante da qual a ajuda de US\$ 30 bilhões é insignificante". Ao mesmo tempo, apontou alternativas de opositores da política brasileira.

Entre elas, a do economista Jeffrey Sachs, de Harvard (Instituto para o Desenvolvimento Internacional), que pede o fim do câmbio fixo ("Os países não podem salvar moedas sobrevalorizadas"), para o real flutuar nos mercados de moeda, pois pior é demorar muito a fazê-lo. "Com isso o Brasil não precisará mais elevar as taxas de juros para preservar o câmbio".